



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Formação de Professores no ensino de Ciências e Matemática

Sinop, v. 8, n. 1 (21. ed.), p. 107-121, jan./jul. 2017

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

TRABALHO E EDUCAÇÃO:

contradições na vida de jovens e adultos na EJA¹

Jaqueli Calegari

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

O artigo construído volta-se para o conceito de trabalho como princípio educativo como também às contradições que permeiam a vida de jovens e adultos no sistema social em que estão inseridos. É objetivo desse estudo relatar o processo de construção e internalização do conceito de trabalho e como, na contradição do capital, tal elemento transforma-se em contradições para a vida dos sujeitos históricos. O estudo trata da história de vida dos entrevistados para compreender como eles significaram o conceito de trabalho desde suas infâncias e como eles se apropriam deste conceito em seu cotidiano.

Palavras-chave: Educação. Educação de Jovens e Adultos. Conceito de trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco as contradições entre a vida e o trabalho de jovens e adultos que estudam em uma modalidade especial de ensino destinado a jovens e adultos – EJA. Compreende nessa pesquisa alunos trabalhadores do segmento de ensino fundamental e médio.

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **TRABALHO E EDUCAÇÃO: contradições na vida de jovens e adultos na EJA**, sob orientação do professor Dr. Mariom Machado Cunha, curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2016/02.

A educação de jovens e adultos pode ser explicada como o ensino escolar ofertado aqueles que, por algum motivo não tiveram acesso a escolarização no ensino fundamental ou médio em idade própria.

Estudar o caso de alunos que buscam o ensino EJA é desenvolver a compreensão à história de vida atual, perceber o que os motivam ou desmotivam a permanecer na instituição, mas acima de tudo investigar o histórico de vida. Através do histórico de vida pode-se compreender que fatos aconteceram que o impediu de ter acesso a escolarização em idade própria. Problematizar as relações de vida dos trabalhadores na condição de alunos de EJA permite aumentar o vínculo de aproximação entre as pessoas e eleva a crítica quanto a dimensão do sujeito aluno enquanto sujeito individual/coletivo de sua própria história nesse mundo. Este sujeito que precisa da educação e através dela poder-se inserir nesse mundo letrado com forças iguais a sujeitos que já dominam a leitura e escrita e documentos que os certifiquem de seu grau de escolarização: não é relação casual, mas de múltiplas contradições.

2 TRABALHO E EDUCAÇÃO: a vida de jovens e adultos

Não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica.
A questão é: a sua base ideológica é inclusiva ou excludente? (Paulo Freire)

Este capítulo expressa o embasamento teórico, centrando-se na categoria trabalho como princípio educativo e explicita as relações históricas que assume no capital. Como Freire aponta “Não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica”. A base ideológica de cada ser humano é constituída de valores, éticos e morais. Os seres humanos são ligados a natureza mas ao transforma-la com sua ação objetiva, envolve a ação social humana e suas relações.

2.1 CONCEITUANDO TRABALHO

O homem é um ser ligado a natureza, dela é constituído e dependente. Dependente da sua força, como o ar, água, comida, ferro, cálcio, vitaminas, sais e etc.: um ser biológico. Contudo, ainda, rompe com as leis naturais e impõem o desejo de transformá-la, construindo casas, prédios, veículos, medicamentos,

roupas enfim. Esse transformar realiza pela objetivação de trabalho, é uma força vital. Extraindo da natureza sua matéria prima. Por isso, a existência humana tem no trabalho a atividade necessária não só para produzir sua humanidade mas de transformar a natureza e a sua própria existência humana:

O trabalho, como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade – é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza, e, portanto, de manter a vida humana. (MARX, 1982, p. 50).

Compreendendo esse apontamento, é preciso compreender que a ação do homem é a princípio singular mas a sua ação também é derivada da própria natureza, dele e externa a ele. Conforme Frigotto (2010), a ação do homem também é solidária, uma vez que entende-se que o outro também tem o direito de agir sobre a natureza e mundo em que vive. A transformação da natureza feita pelo homem é uma ação consciente, diferente dos animais que agem com movimentos programados, eles não transformam a natureza, apenas se adequam ou adaptam-se ao meio ambiente.

O homem transforma, cria e recria mediando o seu agir pelo trabalho e implicando inclusive na produção do conhecimento. Inclusive o uso da tecnologia na criação de materiais de uso as necessidades humanas objetiva também alcançar melhores condições de vida. O trabalho é necessário a todos e conforme Frigotto (2010, p. 20) temos as seguintes palavras:

O trabalho constitui-se por ser elemento criador da vida humana, num dever e num direito. Um dever a ser aprendido, socializado desde a infância. Trata-se de aprender que o ser humano – como ser natural – necessita de elaborar a natureza, transforma-la, e pelo trabalho extrair dela bens úteis para satisfazer suas necessidades vitais e socioculturais.

Esse entendimento de trabalho concebido por Gaudêncio Frigotto é chamado de princípio educativo do trabalho, em que a construção e processo de internalização de o que é o trabalho e como os homens se relacionam entre si em sociedade é algo a construir passo a passo ainda na infância. Mas é preciso lembrar que a inicialização e internalização do conceito trabalho nada tem a ver com trabalhos infanto-juvenis como assim frisou o autor. Essa construção do conceito

que inicia-se na infância, ocorre de maneira pedagógica, tem como objetivo o educar, o educar fazendo pequenas e simples tarefas, em que se respeite a infância da criança e atribuindo deveres condizentes a faixa etária dos pequenos.

2.2 O TRABALHO SOB O CAPITALISMO

O princípio educativo do trabalho enquanto dimensão criadora da vida humana traz o sentido de respeito a vida humana, no entanto, como afirma Frigotto (2010, p. 22):

O trabalho, a ciência e a tecnologia, sob o capitalismo, deixam de ter centralidade como valores de uso e de respostas as necessidades vitais de todos os seres humanos. Sua centralidade fundamental transforma-se em valor de troca com o fim de gerar mais lucro ou mais capital.

O trabalhador assalariado produz, recebe um salário apenas para a sua subsistência e ao mesmo tempo é um consumidor daquilo que produz. Sendo o trabalho nesta dimensão, algo necessário a todas pessoas, no entanto com valores morais e éticos diferentes à dimensão criadora da vida humana.

No momento em que o dono do capital e o proprietário da força de trabalho – patrão e empregado, capitalista e trabalhador – ambos decidem pela efetivação do contrato de compra e venda da força de trabalho, nesse exato momento, como explica o autor referido, há uma espécie de dissimulação da exploração do empregador para com o empregado. Pois entende-se nesse ato de acordo de ambas as partes, que o fazem por livre arbítrio e nas mesmas condições de necessidade humana. No entanto Frigotto (2010, p. 23) diz que:

A situação do patrão, comprador de força de trabalho, e a do trabalhador, vendedor de sua força de trabalho, configuram uma relação de classe profundamente desigual. Nesse sentido, o contrato de trabalho, sob o capitalismo é uma legalização da desigualdade ou uma exploração legalizada. O grau de exploração varia de país para país ou de região para região, fundamentalmente de acordo com a organização dos trabalhadores que lutam por leis que lhes garantam direitos e com maior ou menor número de trabalhadores.

A desigualdade social é antes de tudo uma relação econômica baseada na relação desigual entre o capitalista e o trabalhador: um fator preocupante a

sociedade, em que o fator econômico de uma população influencia na formação cultural, na educação povo, nas condições básicas de vida, saúde, alimentação, moradia etc. Assim, como alerta Marx (2003, p. 253):

A indiferença em relação a esse trabalho determinado corresponde a uma forma de sociedade na qual os indivíduos mudam com facilidade de um trabalho para outro, e na qual o gênero preciso de trabalho é para eles fortuito, logo indiferente. Aí o trabalho tornou-se não só no plano das categorias, mas na própria realidade, um meio de criar riquezas em geral e deixou, enquanto determinação, de constituir um todo com os indivíduos, em qualquer aspecto particular. [...] Só aí, portanto, a abstração da categoria 'trabalho', 'trabalho em geral', trabalho 'sansphrase' [puro e simples], se torna uma prática.

Esse campo de representações implica no tipo de consciência dominante e suas implicações o modo de produção, em outras palavras, ideologia. Marx (1991, p. 72) aponta:

As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, as idéias daqueles aos quais faltam os meios de produção. As idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como idéias.

Conforme o referido autor tem-se a ideologia do dominador, pois reflete as relações materiais dominantes da sociedade do capital e dos capitalistas: de que aquele que acumula bens materiais e riquezas é em decorrência de mérito, esforço individual, dedicação.

2.3 ESCOLA NO CAPITALISMO

O ensino escolar oferecido a população no decorrer do século XIX tinha como base ideológica a formação do trabalhador assalariado educado, obediente, pontual, eficiente, competitivo e dócil. A escola nesse contexto utilizava-se de uma metodologia de ensino em que o conhecimento transmitido pelos professores aos alunos tinha o objetivo formação trabalhador que tivesse o perfil de um operário ideal para trabalhar nas fábricas.

As virtudes para o ser camponês preteridas antes da chegada da era fabril eram desenvolvidas através do doutrinamento da igreja, no entanto apenas essas características de comportamento já não seria mais o suficiente. O trabalhador deveria agora, adequar-se as rotinas de funcionamento de uma fábrica.

O acento deslocou-se da educação religiosa e, em geral, do doutrinamento ideológico, para a disciplina material, para a organização da experiência escolar de forma que gerasse nos jovens os hábitos, as formas de comportamento, as disposições e os traços de caráter mais adequadas para a indústria. (ENQUITA, 1989, p. 114).

A forma de pensar e comportar-se recebe influências externas e esse aspecto necessita de tempo para que as pessoas possam internalizar certos conceitos e fazer semelhanças entre uma situação e outra. Um modo de transmitir o conhecimento, a princípio sempre foi a família, no entanto, não sendo o suficiente para atender a demanda para a sociedade, a criança perpassa pelo doutrinamento da igreja e posteriormente a instituição escolar.

A escola é a primeira instituição à que se incorporam as crianças, descontando a família, a que ocupa o período que medeia a exclusividade desta e o trabalho e, de qualquer forma, a escolarização representa seu primeiro contato com a instituição formal e/ou burocrática. Por conseguinte, é nela onde crianças e jovens fazem a primeira experiência do trato regular com estranhos, do trato com outras pessoas fora dos laços de parentescos ou da comunidade imediata. (ENQUITA, 1989, p. 158).

A escola foi se tornando uma instituição presente na vida das pessoas, pois a população não mais encontrava-se apenas no campo, inúmeras pessoas que viviam em centros urbanos ansiavam por uma oportunidade de emprego. E a escola nesse contexto tem importante papel social para a sociedade do capital, a preparação do aluno para o mundo do trabalho.

Crianças e jovens são mantidos constantemente em interação com o professor e outros agentes da instituição ou sob sua vigilância. A escola não pretende apenas modelar suas dimensões cognitivas, mas também seu comportamento, seu caráter, sua relação com o seu corpo, suas relações mútuas. Propõe-se a organizar seu cérebro, mas no mais amplo sentido: não apenas alimentar um recipiente, mas dar forma ao núcleo de sua pessoa. (ENQUITA, 1989, p. 158).

O espaço escolar, o conteúdo do currículo, a vigilância dos agentes da instituição, a rigurosidade dos professores em que se encontrava a instituição escolar no século XIX, assemelhava-se ao contexto fábrica e o dono, operário e suas obrigações no ambiente de trabalho.

As atitudes, disposições, etc., desenvolvidos no contexto escolar serão logo transferidas a outros contextos institucionais e sociais, de forma que sua instrumentalidade transcende sua relação manifesta ou latente com os objetivos declarados da escola ou com seus imperativos de funcionamento. Podemos considerar isto como uma aplicação do chamado “princípio de similaridade”. (ENGUITA, 1989, p. 158).

O princípio de similaridade não era um processo aprendido somente na relação do aluno e a escola, mas também saberes sobre o trabalho aprendia-se no seio da família.

Uma mistura de aprendizagem familiar e participação na vida adulta em geral: o jovem varão simplesmente acompanha o pai no trabalho da terra, no forro ou na guerra, enquanto as filhas permanecem junto à mãe ajudando-a em outras tarefas. Na economia camponesa, mesmo em nossos dias, a sede da aprendizagem continua sendo a família. Para o camponês autossuficiente, a escola não podia oferecer outra coisa que doutrinação religiosa e, em seu caso, político. As destrezas e os conhecimentos necessários para o seu trabalho podiam ser adquiridos no seu próprio local de trabalho; e, de qualquer forma, a escola não os oferecia. (ENGUITA, 1989, p. 105).

As duas formas de aprendizagem sobre o trabalho que ocorrem tanto na escola quanto no seio da família, constroem no intelecto do ser humano conceitos diferentes sobre o conceito trabalho, explicando melhor, ou seja, os valores morais e éticos que o trabalho permite internalizar.

Ao passar dos séculos as sociedades transformaram-se em verdadeiros centros urbanos. Em que grande maioria da população vive sob a condição de trabalhador assalariado e que este para se manter nos postos de trabalho precisa estar escolarizado. Exigindo destes trabalhadores a formação básica, ou seja a elementar. É sabido que o conhecimento nem sempre foi algo oferecido a toda a população, nem sempre foi gratuita e universal e assim muitos ficaram sem acesso a escolarização ou por algum motivo tiveram que interromper seus estudos em suas vidas.

3 DIÁLOGOS CONSTRUÍDOS COM A HISTÓRIA DE VIDA

A discussão envolta do tema central – trabalho e educação - parte do processo de internalização do princípio educativo do trabalho vivenciadas pelos sujeitos históricos. A formação conceitual, princípio educativo do trabalho, conforme Frigotto (2010), um conceito aprendido e internalizado no período de infância.

Assim, na entrevista com a aluna “A”, temos as evidências do trabalho que ela realizava para ajudar seus pais. Evidentemente que ensinar alguém o princípio educativo do trabalho diferencia-se daquele momento em que a criança trabalha por uma necessidade de fato. Mas mesmo nesse contexto, o princípio educativo do trabalho é de certa forma interiorizado pela criança. Então, assim colocamos em destaque a fala sobre os afazeres da entrevista “A”

(01) Entrevistada A: Olha, aí em casa a gente desde pequeno aprendemos assim a fazer de tudo, a varrer a casa e lavar a louça, a minha mãe ensinou assim a gente desde pequena a fazer os afazeres domésticos, a lavar a roupa esse tipo de atividade dentro de casa e também trabalhar fora para ajudar dentro de casa. Olha, com 11 anos eu comecei a trabalhar na área doméstica assim de babá de cuidar de criança, com 12, 13 anos eu assumi uma responsabilidade de começar a trabalhar em para casa das pessoas às vezes até fazia comida também, eu comecei trabalhar muito pequena mesmo, assim na roça também colhendo algodão, colhendo café, pra poder ajudar dentro de casa porque nossa família era assim bem pobre né, uma situação bem precária mesmo.

Para Frigotto e Ciavatta (2010, p. 6):

Mesmo as crianças, de acordo com a sua possibilidade, participem em pequenas atividades ligadas ao cuidado e produção da vida. Isso nada tem que ver com exploração do trabalho mesmo no âmbito da família, sob a forma de opressão pelo trabalho produtivo capitalista.

Em geral, a pesquisa realizada através das entrevistas com os alunos, o história de vida mostra que, os entrevistados são de origem pobre e marcados pela

vida no campo. E os filhos acompanhavam os pais nos forros do trabalho do campo e domésticos.

A entrevistada “B” nos aponta para uma situação de contradição no capital, em que ocorre a expropriação do trabalhador, em que ela por conta de garantir a sua subsistência e de sua família, os estudos institucionalizado, por sua vez, ficam negados em sua vida.

(02) Entrevistada B: Eu ajudava a carpir, eu ajudava a fazer todos os serviços da roça, ajudava a carpir, ajudava a planta, ajudava derrubar mata, dentro de casa não fazia muita coisa porque nós ia de manhã para roça e só vinha de tarde, a mãe levava almoço para nós.

Acerca do período em que a criança permanece ajudando os seus pais nos afazeres de pequenas atividades do dia a dia, Frigotto e Ciavatta (2010, p. 6) alertam

Há que se ter o cuidado de não retirar o tempo de infância que implica o lúdico e os espaços formativos, pela exigência de tarefas produtivas próprias para a vida adulta porque, além de prejudicar o direito do tempo da infância, comprometem ou deformam seu desenvolvimento físico, social e psíquico.

Para os referidos autores, o principio educativo, diz respeito a participação da criança em pequenas atividades, em que fica entendido a necessidade de cada qual realizar uma atividade ajudando dessa forma em um bem coletivo. No entanto é requerido para o período de infância, momentos destinados ao lúdico como também a frequência a outros processos formativos, como a escola. Em geral, muitas vezes, o relato de vida, principalmente de pessoas com faixa etária mais elevada, por trabalharem junto a seus pais e por morarem na zona rural, lugares distantes da escola, esses fatores contribuiram para que não pudessem ter acesso a escolarização em idade própria também.

O entrevistado “F” nos relata para a seguinte situação de vida, a de não poder escolher entre o estudo e trabalho, mas no entanto é preciso lembrar que essas são condições de vida que devem ser superadas.

(03) Entrevistado F: Olha é o seguinte, é, a gente veio de uma família muito pobre, teoricamente dizendo, bastante, de uma vida muito difícil, então, não daria pra gente escolher muito, então, não daria para a gente estudar e trabalhar. Então, na verdade a gente não levava o estudo tão a sério assim como trabalhar, a gente trabalhava mais para ajudar dentro de casa, olha na verdade assim, eles não me obrigavam a trabalhar, tipo, foi uma decisão própria minha de ajudar eles porque a gente tinha que ter uma vida melhor, trabalhava de várias formas, de servente de pedreiro, pintura de carro, colher batatinha, feijão, tomate, diversas outras áreas, em questão braçal mesmo.

Assim, por esse motivo trazemos o conceito de Frigotto e Ciavatta (2010) a relação que se estabelece entre as pessoas no mundo do trabalho exige apropriação do princípio educativo trabalho, em que há a necessidade de recuperação a conceitos de uma formação humana mais integrada, em que se busque os direitos do trabalhador, direito ao trabalho como também alertarmos de garantir que esses alunos possam inserir-se na escola.

(04) Entrevistado E: Meus pais sempre trabalharam na roça e, sempre eu ajudava eles em casa, a fazer meu almoço, a limpar a casa ou mais e sempre porque eles chegavam bem tarde da noite não tinha muito tempo esse era o meu afazeres em casa quando eles não estava em casa. E eu fico muito gratificado porque eles me ajudaram né a buscar fora o que era necessário para mim, e eu ajudava eles dentro de casa né que no máximo que eu podia fazer, o mínimo que eu podia fazer pelo que eles fizeram por mim.

No que entanto a apropriação do princípio educativo e o uso que os adultos fazem dele nas relações de trabalho, Frigotto e Ciavatta (2010, p. 6) explicam que “na medida que se vá entrando na juventude e na vida adulta, essa colaboração com o trabalho produtivo vai aumentando, ao mesmo tempo que se vai tomando consciência da necessidade de superação da exploração capitalista”.

As vezes mesmo a classe trabalhadora, ter aprendido o princípio educativo e internalizado o seu significado o qual é permeado de valores éticos e morais, apresentando evidencias de solidarismo e pensamentos coletivos. No entanto, a

falta de estudos na vida desses entrevistados, conhecimento adquirido na escola, provoca-lhes um sentimento de inferioridade em relação aqueles que puderam se escolarizar-se e conseguem caminhar em uma sociedade em que exige de seus integrantes o domínio da leitura e escrita.

Boni (2010, p. 34) afirma que “a educação de jovens e adultos é marcada pela exclusão social, que gera sentimento de inferioridade e bloqueio nas realizações humanas, sejam elas de ordem educacional, profissional ou mesmo pessoal.” E por fim, a inferioridade e juntamente com a exclusão provocam-lhes de certa forma um exercício menor de seus direitos, é uma voz que se cala, é uma força dominante que se mantém no poder em detrimento de uma grande parcela excluída.

3.1 CONCEITOS APRENDIDOS E CONCEITO EM DESENVOLVIMENTO SOBRE TRABALHO

A criança ao ajudar seus pais nos afazeres do dia-a-dia aprende e internaliza o princípio educativo do trabalho, mas também a formação conceitual pode ser influenciada e formada a partir de leituras e oralidades que perpassam de uma geração a outra. Assim, a fala da entrevistada “A” pode demonstrar um pouco desse processo de aprendizagem.

(05) Entrevistada A: Em relação de trabalho, assim minha mãe não era muito de conversar, assim com a gente em casa, né. A minha mãe assim era uma pessoa alcoólatra quando ela não estava na roça trabalhando, ela estava em casa sempre embriagada, então assim a minha mãe nunca foi aquela mãe de ter diálogo como os filhos, de sentar e conversar explicar: olha a situação é essa, o mundo lá fora e assim assado, ela falava pouco as coisas, então assim a gente aprendeu mesmo na realidade foi na prática e foi no mundo, né, já depois de adulta também. Eu tenho muito orgulho de mim mesma, eu tiro muito o chapéu para mim, eu assim, até eu às vezes, eu falo assim, que é difícil uma mulher assim guerreira igual eu, assim sabe lutar sozinha, né. Graças a Deus, assim, tudo que eu tenho é tudo muito suado tudo muito difícil e o trabalho engrandece a gente ele te põe pra cima quando você conquista as coisas pelo seu mérito, pelo seu esforço, pelo seu trabalho né, ajudar as pessoas também sim, porque eu acho que já foi muito ajudada lá para trás né,

então assim eu amo ajudar as pessoas, vamos tentar a mão para o próximo né, acho que é isso é de mim assim sabe, é do meu coração, eu não consigo passar por uma pessoa que está com dificuldade e fechar os olhos assim para situação, sabe assim, eu gosto muito de fazer estender a mão para o próximo.

A fala acima vivifica os conflitos de uma vida de trabalhadores em sua sociedade fundada na expropriação e impedimentos. Também revela a “dureza” e todas dificuldades que derivam na vida de muitos trabalhadores, seja pela falta de comunicação, seja pelo álcool. Na fala da entrevistada “A” ainda é algo nítido nas gerações do século XX, como pode ser observado com mais evidencia no fim do relato, em que ela afirma que a mãe não sentava para dialogar e explicar as reais situações do mundo do trabalho. Hintz (2001, p. 10) pontua que:

Havia um posicionamento distante nas relações entre pais e filhos, mantido por ambas as gerações, justamente para se firmar a hierarquia entre os membros da família. Os assuntos familiares importantes eram tratados entre os pais sem a presença dos filhos. A aproximação física como manifestação de afeto era resguardada e contida. A aproximação constava de rituais formais e distantes, para confirmar o respeito dos filhos pela posição dos pais.

Hintz também aponta que a condição da mulher altera-se ao passar do tempo, em que o poder de “mando” e responsabilidades de sustentar uma casa não está dirigida somente ao homem. O fator econômico contribui para essa mudança de postura e comportamento em nossa sociedade. Isso ocorre a princípio quando o homem já não consegue sustentar a família sozinho. Os relatos das histórias de vida dos entrevistados mostram que a mãe está à frente das decisões familiares e elas que estabelecem o vínculo afetivo para com os filhos. A educação de valores e aprendizados orais é aprendido com a mulher. Como ainda podemos ver nos relatos de “B”:

(06) Entrevistada B: Essa é difícil, minha mãe sempre dizia que a gente tinha que ser uma pessoa positiva, trabalhadeira, nunca ter preguiça, ter sempre coragem, coragem sempre primeiro lugar. Eu acho que as pessoas têm que ser boas porque tem muita gente ruim nessa vida, sei lá, eu acho que um tem sempre que ajudar o outro quando pode.

A fala dos entrevistada “B” coloca a mãe, como presença forte na família. Conforme Hintz (2001) ‘era muito comum o analfabetismo na vida das mulheres.’ E dessa forma, a comunicação fluente fica em defasagem na relação pais e filhos, naquilo que diz respeito a pontuações conceituais, a defesa de uma ideologia, quando poderia ser recebida de forma clara. Mas o conhecimento muitas vezes é aprendido e interiorizado pelas experiências práticas.

4 CONCLUSÃO

A partir do histórico de vida pode-se entender os motivos de cada entrevistado em não ter tido acesso ou interrompido os estudos em idade própria. Pode-se entender que as histórias de vida marcam a memória de cada um e nisso constroem-se sentimentos de incapacidade e inferioridade.

O trabalhador, no geral, interioriza suas existências como fundamento de estar e ser na vida: esse é o princípio educativo do trabalho para a classe trabalhadora. Valem-se do trabalho como criador, mesmo não tendo consciência desse fundamento. As vivências revelam o trabalho numa sociedade capitalista em que a dimensão de qualidade de existir é negada e reprodução da vida fica subtraída pela reprodução do capital.

WORK AND EDUCATION: contradictions in life of people from Youth and Adult Education (EJA)

ABSTRACT²

This article considers the conception of work as educational principle as well as the contradictions that permeates the life of young people and adults in the social system where they are inserted. Its objective is to report the process of construction and internalization of the conception of work and, considering the contradiction of capital, how this element results on contradictions for life of historical subjects. The

² Resumo traduzido por Vinícius Dallagnol Reis, Graduado no Curso de Letras (2004) na Universidade do Estado de Mato Grosso. Professor da Prina Pitt Escola de Sinop, Mato Grosso.

study deals with the history of life of people interviewed in order to comprehend how they elaborate the conception of work since their childhoods and how they appropriate this conception in their quotidian.

Keywords: Education. Youth and Adult Education. Conception of work.

REFERÊNCIAS

BONI, Márcia Regina. Dialogicidade: uma relação de alteridade na educação de jovens e adultos. In: ROQUE-FARIA, Helenice Joviano; DA SILVA, Rosana Rodrigues (Org.). **Competências na/da EJA**. Cáceres: Editora UNEMAT, 2009. p. 33-36.

ENGUITA, Mariano F. **A face oculta da escola: a educação e trabalho no capitalismo**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Ed Artes Médicas, 1989.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (Org.). **A experiência do trabalho e a Educação básica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

HINTZ, Helena Centeno. **Pensando Famílias, novos tempos, novas famílias**. 2001. Disponível em: <<http://www.domusterapia.com.br/site/files/PF3HelenaHintz.pdf>>. Acesso em: 04 fev.2017.

MARX, Karl. **O capital**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. v. 1.I.1.

_____ ; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

ENTREVISTADA A. **Entrevistada A**: depoimento [jan. 2017]. Entrevistadora: Jaqueli Calegari. Sinop: Unemat – MT, 2017. Mídia digital/13 KB. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

ENTREVISTADA B. **Entrevistada B**: depoimento [jan. 2017]. Entrevistadora: Jaqueli Calegari. Sinop: Unemat – MT, 2017. Mídia digital/12 KB. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

ENTREVISTADO E. **Entrevistado E**: depoimento [jan. 2017]. Entrevistadora: Jaqueli Calegari. Sinop: Unemat – MT, 2017. Mídia digital/12 KB. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

ENTREVISTADO F. **Entrevistado F**: depoimento [jan. 2017]. Entrevistadora: Jaqueli Calegari. Sinop: Unemat – MT, 2017. Mídia digital/12 KB. Entrevista concedida ao trabalho de conclusão de curso.

Revista Even. Pedagog.

Número Regular: Formação de Professores no ensino de Ciências e Matemática
Sinop, v. 8, n. 1 (21. ed.), p. 107-121, jan./jul. 2017

Correspondência:

Jaquelí Calegari. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: jaquelicallegari@hotmail.com

Recebido em: 16 de maio de 2017.

Aprovado em: 20 de maio de 2017.